

9º Congresso Nacional de Medicina Interna*

Discurso do Presidente da Direcção da SPMI

Fernando Santos

As minhas primeiras palavras vão, naturalmente, para o Senhor Presidente do Governo Regional, Dr. Alberto João Jardim. Como Presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna, peço-lhe que aceite a nossa gratidão pelo inestimável apoio que dá a este 9º Congresso Nacional que hoje tem início nesta cidade do Funchal, a minha cidade natal.

Para o Dr. Fernando Drumond Borges, Presidente deste evento científico, dirijo, em meu nome e também em nome da Direcção desta Sociedade, os maiores agradecimentos por se ter disponibilizado para organizar este Congresso.

Para todos os restantes elementos da Comissão Organizadora, quero deixar um amigo e grato abraço.

O trabalho foi certamente muito!

De facto, desde a elaboração do programa, convites a prelectores, selecção das comunicações livres e posters, escolhidos de um total de seis centenas, até à organização das viagens e alojamentos dos congressistas, vai um trabalho imenso.

O esforço vai contudo ser compensado!

Vai compensar e vai contribuir para consolidar o percurso que a Sociedade Portuguesa de Medicina Interna iniciou há longos anos.

Para os mais jovens, atrevo-me a lembrar um pouco da nossa história.

A Sociedade Portuguesa de Medicina Interna foi fundada em 1951.

Teve como primeiro Presidente, o Prof. Mário Moreira.

Seguiram-se naquele cargo, o Prof. Vaz Serra e o Prof. Cerqueira Gomes, entre outros. Tinha em 1951, CEM sócios.

Foi sobrevivendo com maior ou menor dificuldade até ao início dos anos sessenta, época a partir da qual entrou, como alguém escreveu, em lenta agonia até ao ano de 1980.

Esvaziou-se, naquela altura, com o aparecimento das *subespecialidades* que dela derivaram.

Houve, contudo, quem resistisse ao apelo da diáspora, mantendo-se fiel à *especialidade-mãe*.

De entre outros, permitam-me que destaque o nome do Prof. Armando Porto, aqui presente, que em 1979 escreveu e publicou um texto intitulado “*ser internista*”.

Este texto foi, de facto, um verdadeiro manifesto que abriu o caminho para o *renascimento* da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna em 1983, corolário de um movimento iniciado também pelo Prof. Armando Porto.

Assumi a Presidência da Direcção no Triénio que naquele ano começou, o Prof. Cerqueira Magro. Seguiram-se o Prof. Armando Porto, o Dr. Barros Veloso, o Prof. Levi Guerra, o Dr. Santana Maia, o Dr. Luís Dutschman e o Dr. Soares de Sousa.

Com eles trabalharam, durante os últimos vinte anos, muitos colegas que ocuparam os restantes lugares da Direcção, da Assembleia Geral e do Conselho Fiscal.

Como já vão longe os tempos de 1983, em que o nosso secretariado se resumia a dois dossiers e à informação contida na memória do Senhor Anselmo que ainda hoje e também aqui nos faz companhia!

De facto, o Senhor Anselmo tinha memória das nossas coisas e não apenas uma vaga ideia. Para ele, contemporâneo da *fundação da sociedade* e do seu renascimento deixou um abraço carinhoso e grato.

Hoje, posso afirmar que a Sociedade Portuguesa de Medicina Interna está viva e bem de saúde, quer científica, quer financeira.

Publica com regularidade uma *revista*, edita periodicamente uma *folha informativa*, organiza anualmente um *congresso nacional*, tem *grupos de estudo* a funcionar, faz *cursos temáticos* para internos, atribui uma *bolsa de estudo* para *investigação científica*, participa activamente nos *cursos da EFIM*, tem *sede* própria com *pessoal administrativo* permanente, e executa anualmente um orçamento significativo, como puderam verificar no *relatório* e *contas* oportunamente enviados a todos os 1500 sócios.

Julgo, portanto, que a Sociedade Portuguesa de Medicina Interna vive um bom momento.

Há, contudo, algumas ameaças no horizonte que nos devem preocupar a todos.

Sem pretender transformar esta sessão de abertura numa sessão política, não posso deixar de chamar a atenção para a formação dos futuros internos no contexto da nova lei de gestão hospitalar.

A actual Lei de Gestão, apenas aplicável no Continente, introduz um regime jurídico que, ao abrir caminho à generalização do contrato individual de trabalho, ferirá mortalmente a *carreira médica hospitalar*.

A contratação individual, substituirá progressivamente os *concursos de provimento*, permitindo que se contrate, não o mais apto, mas, sim, o mais dócil, o mais barato e, eventualmente, o mais protegido.

O *contrato individual*, uma vez generalizado, deixará sem sentido os lugares, os cargos e as funções de *assistente*, de *assistente graduado* e de *chefe de serviço*.

Desfeita esta hierarquia, acabarão as admissões por provimento e as admissões por concurso. Tudo ficará entregue ao poder discricionário dos gestores das Unidades Hospitalares.

Uma vez desmontada a carreira médica hospitalar, como passará a ser feita a *formação dos internos*?

Como ficam enquadrados os *internatos complementares*?

Como será feito o aperfeiçoamento técnico-científico?

Desconhecer a indispensabilidade da existência de uma *carreira médica hospitalar* consistente e prestigiada é condenar ao fracasso a tarefa de, no futuro, formar Especialistas de qualidade.

Não nos parece que os actuais Hospitais S.A., queiram utilizar parte do seu orçamento e outros recursos, em actividades não lucrativas.

Formar Especialistas e manter uma pirâmide hierárquica equilibrada não vai ser, garantidamente, uma das vocações daqueles hospitais.

São estas as dúvidas que tenho quanto ao futuro da formação dos nossos internos.

É nosso propósito, contudo, procurar obter, junto do Ministério da Saúde e da Ordem dos Médicos, os esclarecimentos que o assunto justifica, chamando a atenção para a instabilidade que se adivinha.

A falta de informação sobre o tema faz-nos temer o pior, sendo de recear que a Tutela não atribua a esta evolução que se adivinha importância de maior.

Reconstruir uma *carreira médica* que, apesar de imperfeita, tão bons serviços tem prestado, será tarefa para uma geração.

Esperemos que um avisado bom senso prevaleça.

Esta e outras tarefas obrigam-nos a todos.

A todos os que não puderam vir a este Congresso e a todos os que vieram e que comigo renovarão a intenção de continuarmos a prestigiar a Medicina Interna, especialidade infinita que um dia resolveu nos abraçar, num misto de loucura e grandeza de coração,